

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID

Rosane Castilho

Docente Titular de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (Brasil). Doutora em Educação e PHD pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa.

RESUMO: O presente trabalho buscou identificar, tendo por base os postulados da Psicologia Social e da Sociologia da Juventude, os aspectos que impactam na construção do projeto de vida de jovens estudantes secundaristas em três diferentes países e cotejá-los com as representações de futuro, tendo por base as narrativas dos sujeitos investigados. O trabalho de campo, cuja amostra foi composta por 314 jovens secundaristas de Portugal, Espanha e Brasil, envolveu a aplicação de um questionário contendo 28 questões relativas a dados gerais, características da família, situação socioeconômica, trajetória escolar, projeto de vida e expectativas pessoais quanto ao futuro. Em seu viés qualitativo, trabalhou-se com os jovens a partir da metodologia denominada *Roda de Conversa*, com a utilização de imagens produzidas por um jovem designer, tendo por motivo algumas ‘cenas do cotidiano’ de jovens brasileiros moradores da periferia das cidades metropolitanas. Quanto aos resultados, identificou-se a predominância de ‘dúvida’, ‘receio’ e insegurança quanto ao

desconhecido’ no que tange ao projeto de vida e ao futuro. Apesar disto, os jovens informam a esperança de ‘vencer na vida pela profissão’ e o entusiasmo diante da possibilidade de ‘formar uma família’ e da ‘superação’ dos obstáculos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Projeto de Vida, Visão de Futuro.

ABSTRACT: The present work sought to identify, based on the postulates of Social Psychology, Philosophy and Sociology of the Youth, the aspects that would have an impact on the construction of the young secondary student’s life project in three different countries and compare them with the representations regarding the future, through the narratives of the investigated subjects. The fieldwork was composed of a 314 young secondary students sample, from Portugal, Brasil and Spain. It was supported by its quantitative bias, with the application of a questionnaire which contained 28 (twenty eight) questions involving general data, family characteristics, socioeconomic situation, school pathway, life project, and personal expectations about the future. In its qualitative bias, work was carried out with young people using a methodology denominated *Roda de Conversa* (conversation gathering), with the use images produced by a young designer which had as a motivation tool some ‘daily scenes’ of young Brazilians that live in the outskirts of

metropolitan cities. As for the results, it was identified the predominance of ‘doubt’, ‘fear’ and ‘insecurity about the unknown’ in what concerns the life project and the future. Despite that, the youth reveal their hope to become ‘successful through work’ and show enthusiasm about the possibility of building a family and overcoming obstacles.

KEYWORDS: Youth, Life Project, Vision of the Future.

INTRODUÇÃO

A juventude – como categoria social – já foi identificada como signo da debilidade, de desordem social e até como um indicador de desvio (CASTILHO, 2011). Foi apresentada como um ‘problema’ à medida que encarnava socialmente a crise de valores, protagonizando os embates, dados pela via do conflito de gerações (MANNHEIM, 2011; FEIXA E LECCARDI, 2010; WELLER, 2010) e até mesmo a partir da metáfora do caos por sua condição de ambivalência e subordinação (BALANDIER, 2003).

Ao longo dos tempos, a juventude enfrentou estigmas dos mais variados por estar associada a uma fase, um ciclo de vida particularmente caótico, um período específico da existência marcado pela crise e por uma certa ‘incapacidade’ de identificar saídas ‘eficazes’ para as questões que a atravessam.

Por sua vez, as universidades chegam ao século XXI, de acordo com Schwartzman (2014) com grandes desafios, quer seja pelo contínuo crescimento das matrículas, quer seja pelas demandas relativas ao incremento de políticas institucionais que sustentem o tripé ensino, pesquisa e extensão, levando-se em conta o seu compromisso social e a sua responsabilidade em sustentar seu caráter de cientificidade. Neste sentido, as pesquisas envolvendo a categoria social “juventude”, justificam-se tanto em função do percentual de estudantes matriculados em instituições de ensino superior, cuja faixa etária está compreendida entre 15 e 29 anos, quanto pela necessidade de uma avaliação mais precisa relativa às expectativas associadas ao ingresso na vida acadêmica e à qualificação para o mundo do trabalho, aspectos considerados importantes para este segmento populacional.

Nesse diapasão, distintas leituras, de viés acadêmico, têm possibilitado um novo olhar sobre as juventudes (fenômeno plural) respeitando semelhanças e diferenças como aspectos imprescindíveis na compreensão desta categoria social. Cumpre dizer que, sob condicionantes sócio-histórico-culturais comuns, as ciências humanas vêm tentando avançar na identificação de marcos conceituais, pela via do desenvolvimento de distintas abordagens disciplinares, bem como de pesquisas, cujas estratégias e métodos tem suscitado intenso debate entre os investigadores.

Na esteira destas discussões, este trabalho objetivou dar voz aos jovens secundaristas, em três espaços geográfica, política e culturalmente distintos, com o propósito de identificar similaridades e diferenças nos modos de ver e “antecipar” o futuro, assim como os aspectos que interferem na construção de seus projetos de

vida. Os resultados coletados são os que seguem.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, cuja amostra foi composta por 314 jovens secundaristas e realizada entre os meses de junho de 2016 e maio de 2017, em sua primeira fase contou com 04 blocos de questões relativas ao instrumento de coleta de dados (de viés quantitativo)¹ envolvendo seis distintos aspectos: dados gerais, características da família, situação socioeconômica, trajetória escolar, projeto de vida e expectativas pessoais quanto ao futuro. Na segunda fase deste processo investigativo - abordagem que iremos destacar aqui - trabalhou-se com os jovens a partir de uma metodologia denominada *Roda de Conversa*, com a utilização de imagens produzidas por um jovem designer brasileiro, tendo por motivo ‘cenários do cotidiano’ de jovens brasileiros moradores da periferia das cidades metropolitanas.

Quando da decisão pelo uso de imagens como veículos motivadores da participação e do desvelamento dos discursos dos sujeitos pesquisados, surgiu o receio quanto à possibilidade de que os jovens residentes nos dois outros países investigados (Portugal e Espanha) não se identificassem com as imagens produzidas no Brasil. Fato que não ocorreu: nos três países o nível de identificação com as imagens foi considerado alto, aspecto que viabilizou a realização das *Rodas de Conversa* com fluidez e interesse pelos jovens pesquisados, a despeito das dificuldades enfrentadas em cada um dos países onde esta metodologia foi aplicada, tais como imprevistos que vieram a alterar a rotina de uma das escolas pesquisadas (Brasil), obstáculos dados por normativas externas às escolas (Portugal) e insuficiência de tempo para a realização das atividades no interior da escola (Espanha).

Importante destacar que, no planejamento e na realização do trabalho de pesquisa, levou-se em conta os pressupostos da etnografia multissituada, a fim de permitir desvelar categorias capazes de representar elementos do sistema-mundo de distintos grupos que, a despeito de sua diversidade, guardam conexões, buscando assim o rastreio, em diferentes cenários, de uma ‘identidade conceitual que resulta ser contingente e maleável’, requerendo uma maior gama de matizes na interpretação do cotidiano (MARCUS, 2001, p. 118).

Este trabalho de investigação realizou-se, em sua fase qualitativa, pela via da apresentação de imagens, com o objetivo de motivar os jovens e incrementar as discussões acerca dos temas propostos, buscando promover um ambiente mais leve e descontraído nas Rodas de Conversa. Assim o fizemos por crer que os diálogos travados pela via desta metodologia mobilizam o desejo de engajamento, participação e compromisso dos jovens com o trabalho com os temas, naquilo que os toca, que os

1. Os dados de viés quantitativo não serão apresentados no presente trabalho, que representa uma versão do segundo capítulo da obra: CASTILHO, Rosane. *Juventudes, pesquisa e produção de conhecimento*. 2 ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.

afeta subjetiva e concretamente (SOUZA et al, 2016; TEIXEIRA et al, 2017).

No que diz respeito à subjetividade social, retomamos Vigotski (1991, p. 274), para quem a singularidade, ou a subjetividade individual, não é apenas aquilo que distingue o sujeito em termos ontogenéticos, mas é fundamentalmente representativa e permeada por todo um conjunto de elementos de ordem histórica e material e que engendram a forma como ele se relaciona consigo mesmo - em uma relação de alteridade consigo próprio, o que denominou 'consciência de si' - e com os outros sujeitos, identificando tanto distinções, quanto similaridades.

Neste sentido, a singularidade só se manifestaria pela via da relação com o outro e com tudo o que ela encerra, tanto em conflito quanto em convergência. Ainda de acordo com o autor, os temas caros à psicologia, como domínio de saber institucionalizado, não podem prescindir da premissa de que as funções psíquicas superiores respondem à interiorização do social. Esta proposição - da natureza eminentemente social do sujeito - é um dos maiores contributos deste autor à psicologia social como campo de conhecimento. E as Rodas de Conversa, como instrumento metodológico de ação junto aos jovens, conectam-se a esta premissa de interpretação.

Frisamos que, neste trabalho de investigação, retomamos os saberes da sociologia do cotidiano com o objetivo de - e pela via do contato com os aspectos mais reveladores do seu dia-a-dia, identificados através das imagens produzidas - propondo aos jovens que promovessem uma espécie de mergulho em si mesmos e, a partir daí, trabalhassem os temas demandados com o máximo de aproximação às suas subjetividades, à sua maneira, buscando assim elementos de uma vida que flui e 'escorre em efervescência invisível'. (PAIS, 2015, p.30)

Faz-se necessário lembrar que o ambiente da escola, tomado como *locus* de aplicação da pesquisa deu-se no sentido de reconhecer esta instituição como um espaço sociocultural, e que, de acordo com Dayrell (2009), leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer cotidiano empreendido por sujeitos inscritos na trama social, na teia que os constitui como sujeitos históricos. Assim, os discursos coletados nos momentos de discussão, mais especificamente, ao longo das Rodas de Conversa no interior da escola, serão apresentados em blocos temáticos e discutidos ao final de cada um deles, respeitando suas especificidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange aos dados propriamente ditos, ao trabalhar a temática das políticas públicas para a juventude, os jovens revelaram-se insatisfeitos quanto à sua efetividade. Estes dados vão ao encontro das questões problematizadas por Ribeiro (2016, p.299) acerca da percepção dos jovens quanto ao papel do Estado da criação, implementação e manutenção das políticas de juventude. Quando consultados sobre esta questão, 52,8% dos jovens pesquisados responderam que 'apesar de conhecer

as necessidades dos jovens, os governos no Brasil não fazem nada a respeito’, concluindo-se que, apesar dos relativos avanços neste campo, estes nem sempre são percebidos e/ou reconhecidos pelos jovens como uma evolução no campo dos direitos.

Esta percepção é compartilhada por Freitas (2016, p. 146) quando informa que 55% dos jovens secundaristas investigados declararam alguma preocupação relativa à educação, como um direito, citando aspectos concretos na vivência cotidiana como as vicissitudes da condição de estudante, a qualidade do ensino, o investimento na formação de professores entre outros aspectos. Neste sentido, observa-se nos jovens da periferia – aqui considerada como a urbanização da pobreza, como nos ensina Domingues (2016) – uma forte tensão entre as perspectivas de futuro, não raramente citadas como da ordem de um sonho, e as possibilidades reais de sua efetivação.

No que tange à família, os dados revelaram que apesar das inúmeras transformações pelas quais passou esta instituição social na contemporaneidade, o conceito e a percepção dos jovens sobre o valor da família parece repousar sobre dois vieses antagônicos: o primeiro diz de uma idealização, remontando, com menos relevância as funções desempenhadas por seus membros – os papéis propriamente ditos, em nível instrumental - e um tanto mais sobre o que os jovens traduzem como referência subjetiva de apoio, acolhimento e cumplicidade. Neste sentido, a família mantém-se como um porto seguro que sustenta os jovens, fortalecendo-os no embate com as lutas cotidianas, permitindo emergir os ‘atos de resistência e afirmação’ (GROPPO, 2017, p.577), necessários na construção de um projeto de vida e de uma noção positiva de futuro, sustentando a demanda social pela gestão de seus recursos e habilidades.

Em um segundo momento, a família surge com indicativos de conflito, angústia, cansaço e desencontros. As ‘carências’ identificadas no ambiente retratado nas imagens também geraram identificação nos jovens que, provenientes da periferia, percebem em seus lares as mesmas ‘falhas’ e insuficiências de ordem estrutural. Um aspecto que chama a atenção no que se refere à configuração da família é a condição de migração que demonstra influenciar radicalmente as referências, já que, alterando o ‘mapa social’ do continente europeu e demandando dos jovens de origem imigrante ou pertencentes a minorias étnicas ‘a superação de diferentes constelações de fatores de desigualdade e de desvantagem social’, permitem vislumbrar os conflitos vividos no interior da família (BENDIT, 2011, p. 137). Neste sentido, os embates cotidianos de todos os membros são contemplados, apesar da centralidade da posição do jovem na cena.

No que se refere à escola, os dados revelaram que os jovens a veem a partir de seu viés sócio relacional, no qual os valores que prevalecem são a amizade, a camaradagem entre os amigos, as relações de afeto e até mesmo a solidão de quem fica isolado, em um canto, aparece como elemento subjetivo. Nos momentos de discussão com os jovens, a escola também aparece como uma instituição imaginária e

um tanto incongruente que ora fornece alimento ao espírito, pela via do conhecimento (apresentado de forma genérica) e das trocas com os seus atores sociais, ora é lembrada pela insuficiência de sua estrutura, tanto em termos físicos quanto simbólicos, desvelados pela dúvida quanto à qualidade do capital cultural acumulado ao longo dos anos. A percepção de que se trata de um lugar imaginário se dá porque, ao longo dos discursos dos jovens, estas imagens não encontram integração. Neste sentido, a escola é representada como um espaço de construção de subjetividades compartilhadas, mostrando-se como lócus privilegiado de construção de um projeto futuro, por compor uma dimensão importante do cotidiano dos jovens.

Assim, se o sentido da escola reside também em sua condição de gerar um senso particular de pertencimento, segundo Krawczyk (2014, p. 96), há que se ter em conta os novos papéis assumidos por esta instituição social no sentido de dinamizar e potencializar seu novo lugar, no qual uma ‘renovação da racionalidade pedagógica’ busque construir autonomia, compreensão e intervenção frente às mudanças macroculturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. Se pensarmos a autonomia por seu viés de ‘criatividade, eficácia crítica, responsabilidade e recusa à inércia’, tal como nos orientou Balandier (2003, p. 244), esta pode mostrar-se uma referência na construção de um ambiente educacional no qual os processos de socialização realizados em seu interior incrementem, nos atores sociais nela implicados, as dimensões de expressão e autorrealização.

A partir dos dados coletados nos discursos dos jovens pesquisados observou-se que a religiosidade foi percebida como uma dimensão ambivalente para os jovens pesquisados, que ora aderem à imagem por identificação, ora por distanciamento. Acerca desta temática Sofiati (2004) aponta para uma subjetividade plástica, já que se observa uma dimensão religiosa idiossincrática relativa aos jovens por ele pesquisados (em um contexto brasileiro) e cuja tendência – de ambivalência e dúvida - é favorecida por uma longa conjuntura de crise que tangencia fortemente tanto as instituições socializadoras quanto os direitos sociais da juventude. Esta tendência também se revela nos discursos dos jovens aqui pesquisados.

Neste sentido, Sofiati (2004) no orienta que, do ponto de vista biográfico a presença da religião institucionalizada, no que concerne aos jovens contemporâneos, demonstra provisoriedade, com possibilidades de trânsito cada vez mais abertas no campo religioso. Assim, na ‘luta entre autonomia e tutela’ (MALFITANO, 2011, p. 523), a passagem para a maioridade como um evento crítico e engendrador de sofrimentos pode vir a explicar movimentos que vão tanto na direção da aproximação, pelo viés de proteção e acolhimento oferecido pelas instituições religiosas, quanto de repulsa, pela percepção de um modelo opressor de conduta que não respeita os desejos e até mesmo as aspirações de seus fiéis.

Os discursos relativos ao Projeto de Vida e à Visão de Futuro dos jovens pesquisados, desvelaram, não obstante a esperança no devir, um quantum de receio e incerteza, indicando aquilo que Pais relatou como um “verdadeiro dobrar de cabo das

tormentas” (2006, p.11), associando os aspectos relativos à inscrição na vida adulta à condição de risco enfrentada pelas antigas expedições marítimas.

Quanto às investigações mais recentes sobre a temática, diversos pesquisadores trataram desta sensação de risco e perplexidade vivida pelos jovens: Ruiz (2014) comenta este tema com base nas discussões que associam a deserção escolar e os fatores de risco e vulnerabilidade a que ficam expostos os jovens mexicanos; Corica (2012), discute as representações dos jovens secundaristas argentinos, das classes populares, relativas à incerteza quanto ao futuro diante das mudanças e novas exigências do mundo do trabalho, tendo os aspectos desigualdade, educação média e trabalho como referência.

Esta discussão também é levada a cabo por Parente et al (2011) ao levantar a questão sobre os níveis de escolarização e os diferentes tipos de relações de emprego de jovens portugueses; Poveda et al (2007) discutem as incertezas geradas pela distribuição desequilibrada do alunado imigrante na cidade de Madrid, apontando para as incertezas quanto ao futuro dos jovens atingidos por este contexto; Brealey (2015) discute as representações acerca do futuro de jovens urbanos costarriquenhos provenientes de distintos níveis de exclusão social, concluindo que as incertezas configuram-se como únicas certezas quanto ao futuro por parte dos jovens pesquisados; Leão, Dayrell e Reis (2011) discutem as dificuldades das escolas em dialogar com os jovens acerca de seus projetos de vida, potencializando a sensação de ‘abandono à própria sorte’ dos jovens brasileiros pesquisados; Alcañiz, Querol e Martí (2015) discutem o impacto da crise econômica no incremento da precariedade do mercado laboral, tendo como centralidade, os jovens da União Europeia. Esta sensação de risco e perplexidade aparece nos discursos dos jovens pesquisados no presente trabalho. Neste sentido, os dados das pesquisas realizadas, em distintos países das Américas e Europa, mostram-se similares aos coletados neste trabalho investigativo.

REFLEXÕES FINAIS

Ao trabalhar com os jovens secundaristas de três distintos países de dois continentes, em uma abordagem multissituada, identificamos um maior número de elementos que remetem à similaridade no que tange aos aspectos que compõem os seus projetos de vida. Assim, concordamos com Marcus (2001) quando sustenta que as semelhanças entre comportamentos e anseios de sujeitos inscritos em culturas ocidentais - já que não se observa a existência, na contemporaneidade e salvo raríssimas exceções, de comunidades isoladas em si mesmas – são consequência de alterações no que se poderia considerar uma ‘unidade cultural identitária’, dado o processo econômico de integração dos mercados e, ainda, o fenômeno histórico-social de interação dos nativos com diferentes grupos de referência pela via das tecnologias da comunicação.

Pelo exposto e a partir da investigação realizada, confirma-se a hipótese de que os contextos de vida dos jovens - embora similares em muitos aspectos - os atravessam de forma singular, não obstante o receio no dever, potencializado pelo quadro de precarização do trabalho, das insuficientes políticas governamentais, do contexto de fragilidade que envolve as relações com o outro e com o conhecimento. Esta realidade, observada nos distintos países pesquisados, também possibilita engendrar leituras que alcançam similaridade quanto ao instrumental demandado na construção do amanhã almejado, daí o relato dos jovens estudantes quanto a um tanto de crença no futuro.

No âmbito de uma investigação de abordagem etnográfica multissituada cumpre ressaltar que, se encontrar suportes de compreensão do tempo vivido envolve buscar lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência, o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro e os conflitos latentes (KOSELLECK, 2006), pudemos perceber que os embates desvelados pelos jovens foram, ora semelhantes - no que tange ao medo de enfrentar um futuro incerto pela insuficiência de políticas públicas que contemplem direitos fundamentais como educação e trabalho, revelados majoritariamente por jovens das escolas brasileiras e da escola espanhola - ora distintos, revelando a angústia relativa à possibilidade de 'levar uma vida solo', caso não encontrassem perspectivas de trabalho em seu país - no caso dos jovens das escolas portuguesas, só para início de conversa e tomando por pano de fundo um tempo revelador de profundas crises econômicas observadas em diferentes continentes do planeta.

Outros conflitos, referentes ao desejo de formação de uma família ou à crença na dificuldade do ingresso em um curso superior (como estratégia para o ingresso mais qualificado no mundo do trabalho), também foram citados como reverses no encontro com o dever destes jovens pesquisados. Neste sentido, ao depurar os conceitos de *Periferia* (DOMINGUES, 2016; SANTOS, 2007; 2008; 2010; 2013), *Projeto de Vida e Visão de Futuro* (CASTRO 2010; DAYRELL, 2009; PAIS, 2006) tentando alinhar também um conceito compartilhado do que denominamos *Juventudes* (CASTRO, 1998; PAIS, 2006; GROppo, 2015), o que se pretende é ampliar o horizonte de interpretação sobre a temática investigada, buscando os atravessamentos próprios da obliquidade das trajetórias dos jovens de classes populares.

Neste sentido, eleger a juventude como objeto de investigação pela via do conhecimento e da alteridade, é uma decisão que traz consigo um desafio: ser capaz de adentrar este universo com uma respeitosa curiosidade e também com a disposição de preencher-se da alegria e dos afetos genuínos dos quais os jovens são portadores. Assim, a cada encontro, a cada projeto de investigação, descortina-se como um mundo de possibilidades e descobertas margeadas pelo cotidiano, como ferramenta de trabalho na observação da realidade e também como alavanca do conhecimento. Neste sentido, creio ainda que devemos muito aos pesquisadores que fazem de seu ofício um instrumental revelador de novas possibilidades de interpretação

e compreensão das juventudes.

Ao fim e ao cabo, esperamos com este trabalho, produzir um tanto mais de luz sobre a temática e, assim, contribuir na tessitura de saberes compartilhados e de outros olhares e interpretações sobre as representações juvenis acerca desta vida labiríntica cujos desdobramentos afetam a todos, sem exceção, em todas as faixas etárias e contextos de vida, embora as classes populares sintam, mais fortemente, a crueldade de seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- ALCAÑIZ, Mercedes; QUEROL, Vicent; MARTI, Ana. Las mujeres jóvenes em España. (Nuevas) precariedades y (viejas) desigualdades. *Ex aequo* (on line) n.32, pp. 117-137, 2015. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S087455602015000200009&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 28/06/2016.
- BALANDIER, Georges. *El desorden. La teoría del caos y las ciencias sociales*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.
- BENDIT, René. Jovens imigrantes na Europa: aprender a lidar com transições incertas. IN: PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (Orgs.). *Jovens e Rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.
- BREALEY, Tatiana Beirute. Entre el sacrificio y el disfrute: percepción sobre el futuro de jóvenes urbanos costarricenses. *Última DÉCADA*, Viña Del Mar, n. 43, pp.135-160, 2015.
- CASTILHO, Rosane. *Juventud y Autoridad: consideraciones sobre el sujeto de la autoridad para la juventud contemporánea*. Buenos Aires: Teseo, 2011.
- _____. *Juventudes: pesquisa e produção de conhecimento*. 2 ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.
- CASTRO, Lúcia Rabello & DIB, Sandra Korman. O trabalho é projeto de vida para os jovens? *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 2010. Vol. 13, n. 01, pp. 1-15, 2010.
- CORICA, Augustina. Las expectativas sobre el futuro educativo y laboral de jóvenes de la escuela secundaria: entre lo posible e lo deseable. *Última Década*, Valparaíso, n.36, pp.71-95, 2012.
- DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 1. ed., 3. Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DOMINGUES, Alvaro. Geografia e Políticas. Urbanas. IN: *CICLO DE PALESTRAS E ESPAÇOS COMUNS II*. Porto, 2016. Disponível em: www.ulp.pt/eventos/espacos-comuns-alvaro-domingues-geografo. Acesso em: 28/09/2016.
- FREITAS, Maria Virgínia. Jovens e Escola: aproximações e distanciamentos. IN: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). *Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.
- FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol.25, n.2, pp.185-204, 2010.
- GROPPO, Luis Antonio. *Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização*

ativa. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales, vol.13, n. 2, p.567_579, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora Puc- Rio, 2015.

KRAWCZYK, Nora. Uma Roda de Conversa sobre os desafios do ensino médio IN: DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares (orgs.). Juventude e Ensino Médio. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista. Juventude, projetos de vida e ensino médio. Educação Social, Campinas, v,32, n.117, pp. 1067-1084, 2011.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. Etnográfica, Porto, vol.15, n.3, p. 523 – 542, 2011.

MANNHEIM, Karl. Sociologia da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARCUS, George. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de la etnografia multilocal. Revista Alteridades, Distrito Federal, México, vol.11, núm.22, pp 111-127, jul./dec. 2001.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. Sociologia da vida quotidiana. 6.ed. Lisboa: IMPRENSA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2015.

PARENTE, Cristina et al. Efeitos da escolaridade nos padrões de inserção profissional juvenil em Portugal. Sociologia, problemas e práticas, Lisboa, n.65, pp.69-93, 2011.

POVEDA, David et al. La segregación étnica en la educación secundaria de la ciudad de Madrid: um mapa y una lectura crítica. EMIGR Working Papers, n.91, 2007.

RIBEIRO, Elaine. Políticas de Juventude no Brasil: conhecimento e percepção. IN: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

RUIZ, Marcos J. Estrada. Afiliación juvenil y desafiliación institucional: El entramado complejo de la deserción en la educación media. Revista mexicana de investigación educativa, vol.19, n.61, pp.431-453, 2014.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. Espaço e método. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. A urbanização desigual. São Paulo: EDUSP, 2010.

_____. Pobreza urbana. São Paulo: EDUSP, 2013.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. Las estructuras del mundo de la vida. 1. ed. 3. Reimpressão. Buenos aires: Armorrortu, 2009.

SOFIATI, Flavio. Jovens em movimento: o processo de formação da pastoral da juventude no Brasil. São Carlos: Dissertação de Mestrado, 2004.

SOUZA, Alessandra, et al (2016). Rodas de conversa. Participação e controle social de políticas públicas de juventude. Goiânia: Editora América, 2016 e TEIXEIRA, Carmem Lúcia. Rodas de conversa. Diálogo na construção de direitos. Goiânia: Editora América, 2016.

SCHWARTZMAN, Simon. A educação superior na América Latina e os desafios do Século XXI. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. IN:_____. Obras escogidas. Tomo 01. Madrid: Visor, 1991.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Revista Sociedade e Estado, Brasília, vol. 25, n.2, mai./ago, pp. 205-224, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.